



OS DIAS DA PESTE

FÁBIO FERNANDES

1ª edição - 2009
São Paulo - Brasil

TARJA
Editorial

Copyright © 2009 Tarja Editorial

EDITORES: Gianpaolo Celli
Richard Diegues

Todos os direitos desta edição reservados à Tarja Editorial. Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida, de forma alguma, sem a permissão formal, por escrito da editora e do autor, exceto para citações incorporadas em artigos de crítica ou resenhas.

REVISÃO: Aurora Barbosa

PROJETO GRÁFICO: Richard Diegues

CAPA: Marcelo Tonidandel
Verena Peres

1ª edição em outubro de 2009

Impresso no Brasil

DIAGRAMAÇÃO: Richard Diegues

Marcelo Tonidandel tomou como referência para ilustrar a capa desse livro o trabalho do pintor americano Kent Williams, não apenas pela linguagem, como pela atitude.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NÃO PUBLICAÇÃO (CIP)

Os Dias da Peste / Fábio Fernandes. -- São Paulo : Tarja Editorial, 2009.

ISBN 978-85-61541-18-7

Romance: Literatura brasileira: Ficção - I. Fábio Fernandes.

CDD-869

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

1. Romance : Literatura brasileira : Ficção

869

TARJA
Editorial

LITERATURA FANTÁSTICA
MUITO ALÉM DOS GÊNEROS

[2009]

Noster Anno Mirabilis

TARJA EDITORIAL LTDA.
Rua Piatá, 633
Santana - São Paulo
CEP 02080-010 / SP
editora@tarjaeditorial.com.br
www.tarjalivros.com.br
www.tarjaeditorial.com.br

Todas as citações e nomes incidentes neste livro são:

a) em caso de nomes famosos na cultura terrestre, propositais e usados conscientemente para enriquecer a narrativa e majorar o caráter referencial da obra;

b) em caso de seu próprio nome (algunha, apelido, número de série, denominação, ou congêneres) parecer ter sido utilizado, obviamente não foi intencional (provavelmente o autor não o conhecia no advento da criação do livro e, espera-se, todos os molestados e traumatizados durante a produção desta obra não pertencem a espécie diferente do *Homo sapiens*. Todos os computadores e periféricos feridos receberam os devidos primeiros socorros, ou, nos casos extremos, um serviço funerário decente. A cola usada na lombada pode conter glúten. Sim, exercício provoca enfarto e TV causa retardamento mental. Vá ler!



OS DIAS DA PESTE

FÁBIO FERNANDES

TARJA
Editorial

www.tarjalivros.com.br

No future for you!

“A ficção científica não prevê: descreve”, nos diz Ursula K. Le Guin. Essa frase nunca foi tão facilmente visível e aplicável quanto em *Os dias da Peste*, de Fábio Fernandes, que você, leitor fetichista do papel, segura em suas mãos neste momento – quem sabe também em breve em formato digital em um Kindle ou qualquer outro dispositivo do gênero. Conheço Fábio desde o início dos anos 00, ou melhor, segundo os “critérios presenciais” de muitas pessoas, somente o conheci em 2006 quando ele veio a Curitiba e conseguimos, depois de anos de trocas de mensagens, efetivamente sair dos perfis online e tomar um café. E o que isso tem a ver com esse prefácio?, perguntaria um leitor mais desavisado. Ora, tudo! Porque o trabalho autoral literário de Fábio está imerso (eu sei, é um trocadilho infame!) com a persona online de Fábio na blogosfera – e em outros sites de redes sociais – com seu trabalho de pesquisador, tradutor, professor universitário, jornalista, blogueiro, twittero, agitador do fandom, curador de eventos de ficção científica etc. Fábio em sua multimedialidade pessoal/profissional observa como *insider* as potencialidades e apropriações empíricas “das máquinas” e ferramentas digitais como poucos, e também daí talvez advenha sua imensa capacidade de descrição que torna a sua Ficção Científica tão “real” - o termo é tão abominável e árido quanto um deserto - perdoem-me por mais um trocadi-

lho infame, Baudrillard deve estar se revirando no túmulo! - e tão próxima de um cotidiano tecnologicamente mediado, pervasivo e vigilante. Mas é na descrição acurada, e não na extrapolação, como diz Le Guin, que a FC, ou sci-fi (eu prefiro o termo sci-fi por conta de seus aspectos subculturais como bem nos apontou Norman Spinrad lá nos anos 1990) mata a cobra e mostra o pau! Deixando de lado os aspectos fálicos da frase anterior, se a sci-fi enquanto gênero continua viva e respirando - por meios artificiais e maquínicos, diriam alguns - é devido em grande parte ao seu caráter “presencialista” e descritivo que se adapta às condições normais de temperatura e pressão do mercado literário tanto quanto às tecnologias e aos novos públicos, e não a um futuro, seja ele distópico ou utópico.

Em *Os dias da Peste*, o autor faz sua “saída do armário” como autor de FC em grande estilo - não que o *fandom* inteiro já não soubesse disso há um bom tempo - no entanto, renova o gênero mostrando que não é preciso incluir índios ou elementos folclóricos para fazer uma literatura que é também mainstream - no bom sentido - e também nacional, mas é muito mais “pós-geográfica”, como diria William Gibson e se encontra em um “entre-lugar” como nos diz Homi Bhabha.

Ambientado em um Rio de Janeiro nada estereotipado e multicultural, o livro dialoga com vários nichos de espectadores e em distintas camadas de leitura, em suas temáticas tão variadas que vão do pós-humanismo às teorias da inteligência artificial com propriedade. Em suas *layers* photoshopadas de um momento cultural e social efervescente, a obra dialoga com seus leitores-modelos em vários níveis, com a cultura do entretenimento e com a tradição clássica da Ficção Científica - e porque não dizer também da “tradição narrativa cyberpunk”, entenda-se nessa equação: mistura de linguagem das ruas com a linguagem literária hard + conglomerados midiáticos e corporativos dominantes + anti-herói solitário em busca de uma musa geek + fusão homem-máquina + citações e referências de cultura pop + “*jacking in*” + sexo + underground. Numa outra camada, estão as discussões epistemológicas e lingüísticas que dão mais

consistência ao livro: a preocupação com uma sociedade vigilante e claustrofóbica, a ubiquidade das máquinas em um cotidiano cada vez mais violento que nos persegue em cada cidade de um país de terceiro-mundo aparentemente em ascensão no panorama diplomático mundial, e as noções ainda cartesianas, tão “*Die Mensch Maschine*” cantadas e decantadas pelo Kraftwerk, pelo Daft Punk entre outros, tanto quanto por toda a trajetória filosófica ocidental. Em uma outra camada, temos ainda o próprio fazer literário e o sentido de fazer “Ficção-Científica” entremeadas por uma reflexão sobre a própria validade e longevidade do gênero. Há também outras nuances de destaque, como a própria linguagem “escrita nas redes” em seus recursos quase transmidiáticos: *tags*, diálogos de listas de discussões, e-mails, *podcasts*; uma personagem feminina que não espera pelo “mocinho” e acaba por se tornar quase protagonista aos 45 do segundo tempo e o humor sarcástico nerd acadêmico-pop, que tem consciência de sua própria condição mas não se leva a sério demais, brincando com conceitos e com as notas de rodapé.

Se você esperava por um prefácio cheio de *#spoilers*, eu provavelmente te frustei. Seria relativamente fácil contar que o livro se passa num futuro bem próximo no qual a relação homem-máquina torna-se indissociável, mas aí você não poderia ter certeza se fui mesmo eu que prefaciei o livro ou se foi alguma programação em nuvem que juntou palavras-chaves clichêzons dos meus *papers* ou de arquivos dentro da minha máquina. Seguindo a tradição da “escola da dúvida nietzscheana” deixo os leitores com essa “pulga atrás da orelha” sobre o prefácio, mas nunca em dúvida sobre esse ser um belo romance *slipstream* de estréia.

Adriana Amaral a.k.a. Lady ^a

Em trânsito entre Curitiba-Guarulhos-Atlanta-Boston

Outubro de 2009

Introdução:

mapeamentos – uma arqueologia (texto escrito em comemoração aos cem anos da CND – Convergência NeuroDigital)

O primeiro grande paradoxo do livro de papel é este: **qualquer tecnologia se torna obsoleta antes de chegar ao papel**. Era assim antes dos implantes. No tempo da World Wide Web ainda era assim. Mas vocês não são desse tempo.

Para vocês, é necessário um procedimento que os antigos – aqueles que viveram entre os séculos dezoito e vinte – chamavam de *arqueologia*, porque o que vocês vão ler agora é um *snapshot*, um *frame*, digamos assim: um recorte de um tempo que se foi e quase não tem registros. Um diário que alguém um dia escreveu em uma tela, depois em um equipamento portátil, depois em um implante. Um diário que foi hipertextualizado, com atualizações constantes e hiperlinks, talvez até mesmo um feedback de leitores com comments e e-mails. Vocês não são do tempo dos e-mails, mas disso vocês se lembram, existem registros e quando os registros são acessáveis, tudo pode ser conhecido.

Este é o segundo paradoxo do livro de papel: **o que nele está registrado não pode ser atualizado**. Para nós, hoje, este é um conceito impossível de assimilar completamente. Conhecemos as tábuas de argila da Suméria, os papiros do Egito Antigo, os pergaminhos da Idade Média. Mas a estes, a não ser por alguns fragmentos preservados em museus, não temos mais acesso direto. O livro, no formato de códex, infólio, com folhas de papel cortadas, alceadas e costuradas e uma capa protetora, algumas vezes inclusive com uma *dustcover*, ou sobrecapa, é mais recente (poderíamos nos corrigir dizendo que o livro é *menos antigo*; talvez isso seja mais adequado), ainda restaram muitos e existem espaços

imensos que ainda os possuem em grande quantidade. (Ver link: *Chartier*). O que hoje entendemos por **Biblioteca** era, no tempo do livro de papel, um imenso depósito físico. (Não tentem entender este conceito.)

Para percorrer este texto, mais que uma arqueologia, é necessária uma orientação de navegação, pois o que vocês irão ler aqui é um mapeamento. O texto a seguir foi escolhido especialmente para esta exposição por ser o registro de momentos importantes da transição para o evento classificado como **Convergência**. Seu caráter de imutabilidade não esconde o paradoxo de que ele narra um ponto nodal, fixo, no **momento fluido** (o que antes se chamava **História**. Ver links: *Hegel, Deleuze, Foucault*).

Ao contrário dos textos surgidos depois da Convergência, fluidos e hipertextuais, este texto é antes uma espécie de *infratexto*, com apenas uma camada de informação. (Podem existir outras camadas, mas somente em termos semióticos. Ver links: *Eco, Peirce, Santaella*).

O terceiro paradoxo: **textos em papel não contêm links**. O material que vocês têm em mãos é papel, clonado a partir de material genético de árvores cultivadas especialmente na cidade líquida de Retotiba para esta exposição no Rio de Janeiro. Esse material, bastante semelhante ao papel utilizado nos livros de outrora, mas com nanotecnologia AAF (acid/aging-free. Ver link: *Wells-Kodama*), não comporta o procedimento de links e janelas adicionais. Cada página é uma janela fechada e autocontida. A história, portanto, é linear.

Para acompanhá-la e aprender um pouco mais sobre a vida antes da Convergência, basta usar a ponta dos dedos para virar uma página de cada vez (instruções avançadas para esse procedimento no arquivo *Ler_Papel*, baixado automaticamente em seu implante no momento da entrada ao Museu).

O conteúdo é dividido espacialmente em três partes, cada uma separada da anterior por um critério de forma (o primeiro é um híbrido, escrito parte em um *weblog*, parte em papel, o segundo é inteiramente em um blog e o terceiro é oral, via *podcast*) e também por um critério de tempo – cerca de três

anos separam cada bloco de narrativa, ou “livro”, como é chamado no caso específico, do anterior.

Como poderá ser observado, cada bloco narrativo difere ligeiramente do outro, apresentando progressões de forma e conteúdo, direta e indiretamente vinculadas à historicidade do texto, ou seja, a um processo de transformação do *zeitgeist* e ao mesmo tempo da figura do narrador ao longo dos primeiros nove anos da **Convergência** (Ver link: *Despertar*). Sempre que possível, respeitamos a formatação do texto original. Algumas passagens dos livros 2 e 3 foram, por motivos que desconhecemos, apagadas; o conteúdo original foi recuperado e liberado para esta edição.

Uma última observação: o texto é linear mas existem pequenas discontinuidades ocasionais na parte inferior extrema das páginas. Essas discontinuidades recebiam antigamente o nome de “notas de rodapé”, e tinham a função de explicar melhor determinadas palavras ou situações ao leitor, antes do surgimento dos hiperlinks. Não deixa de ser curioso citar que a palavra *rodapé* (além da palavra *cabeçalho*, que é a parte superior extrema onde costuma se encontrar a numeração das páginas) diz respeito à orientação espacial *standard*, ou padrão, do corpo humano dito tradicional, onde a cabeça ficava no alto e os pés embaixo.

Esta cópia é um presente do Museu e pode ser levada para casa. Aconselhamos que o livro seja lido em um ambiente de conforto e sem movimento, a fim de evitar acidentes. Lembre-se que não há sistema de comentários neste livro: possíveis feedbacks deverão ser encaminhados ao Museu pela BioWeb.

E, como se dizia antigamente, boa leitura.

Lucida Sanz, Esc-ape artist e curadora do
Museu Líquido de Nova Copacabana,
Rio de Janeiro, maio de 2109

ODIÁRIO HÍBRIDO



06 de abril de 2010

Esta noite matei mais um computador.

Eu já estava a caminho de casa, mas algo me dizia que eu não ia chegar cedo lá. Esse algo era o seguinte SMS no meu celular:

URG

N3

E um endereço logo abaixo. URG N3 significa, como vocês já devem ter deduzido, URGÊNCIA NÍVEL 3. Todas as mensagens da empresa são abreviadas e padronizadas para poupar tempo.

Na empresa em que trabalho, existem três níveis de urgência para atendimento a clientes. O Nível 1 é o mais tranqüilo e descomplicado: um cliente que quer auxílio sobre como instalar (ou desinstalar) um programa, ou então quer queimar um DVD mas não sabe usar o software que veio com a sua máquina zero-bala¹. O Nível 2 é, claro, intermediário: uma máquina que de repente não liga mais, por problemas ligados à placa-mãe ou porque a fonte de alimentação pifou, ou porque um spyware ou malware² está dificultando o funcionamento da máquina.

Já o Nível 3 é uma história completamente diferente. Para vocês terem uma idéia, até poucas semanas atrás a empresa só tinha dois níveis de urgência.

Hoje, quase todos os casos que somos solicitados a resolver são de Nível 3.

Uma coisa que a vida me ensinou até agora (além de algumas demissões): não se recusa cliente. Meti o celular no bolso e fui até o endereço que constava da mensagem.

– Onde está? – perguntei ao chegar à casa do cliente.

– No quarto – respondeu o rapaz, apontando para uma luz no fim do corredor. Ele não me acompanhou.

¹ Expressão desconhecida. Supõe-se que seja algo ligado à extrema violência registrada no Rio de Janeiro do começo do século XXI, mas até o momento não se conseguiu entender por que existiria uma variedade de bala zero (alguns atribuem à gravidade zero, que já era estudada na época em laboratórios dos Estados Unidos e da Rússia – ver *ex-países*).

² Programas espíões ou mal-intencionados, criados com o propósito de coletar informações dos usuários. Foram muito populares no começo do século XXI.

Eu faria o mesmo no lugar dele. Da porta já era possível ver em que pé estava a situação. No fundo preto da tela do desktop, em vez das tradicionais palavras “Você já pode desligar seu computador com segurança”, uma ameaça em letras cor-de-laranja:

VOCÊ NÃO VAI ME DESLIGAR, SEU FILHO DA PUTA

São palavras que podem assustar a pessoa desprevenida. Ainda mais quando se sabe que elas não foram programadas originalmente no seu computador.

– Você estava conectado? – perguntei, por via das dúvidas. Mas eu já sabia a resposta.

– Eu tinha me conectado mais cedo, mas na hora não aconteceu nada – ele respondeu. Sem sair do corredor, onde eu o havia deixado.

Respirei fundo, mas soltei o ar bem devagar, até para que o rapaz não percebesse e não levasse a mal.

Esse tipo de coisa acontece com todo mundo. Sempre.

Entreí no quarto e me aproximei da máquina normalmente, feito macho, imagina se eu ia ter medo de computador. Por via das dúvidas, claro, cabeça meio baixa, evitando olhar direto a tela, que seguro morreu de velho e não custa nada³. Outro dia um colega meu da empresa contou que a mensagem de encerramento do Windows ficou mudando sem parar na tela, exibindo cada desaforo mais cabeludo que o anterior, e ele ficou tão nervoso que levou cinco minutos para desligar o computador.

Eu não. Meus olhos estavam colados no botão da CPU⁴. Apertei-o e só então levantei a cabeça.

³ Não foram encontradas referências a nenhum indivíduo de nome “seguro” ao longo do texto. Quanto à questão do preço (ver *dinheiro, moeda corrente, sistemas arcaicos de potlach e escambo*), supondo que seguro fosse um ser humano, só podemos especular, visto que, segundo os arquivos históricos ainda existentes, a abolição dos escravos no Brasil aconteceu em 1888, portanto 122 anos antes dos eventos descritos neste diário. Por outro lado, como o substantivo é comum e não próprio, pode ser que se trate de um animal de estimação (ver *espécies extintas, espécies recuperadas geneticamente*).

⁴ Central Processing Unit, ou Unidade de Processamento Central. Era a caixa grande e retangular onde se colocavam as placas de circuito dos computadores no passado.

As letras continuavam na tela.

Desliguei o monitor, o estabilizador de tensão, o no-break e puxei o fio da tomada. Mas a coisa continuou ligada, como se tivesse bateria. O que seria normal um notebook, mas era um desktop, um computador comum de escritório. Isso não acontece em desktops: você desliga a máquina, a máquina permanece desligada.

Respirei fundo mais uma vez, mas desta vez foi para abrir a minha pasta e pegar um par de luvas de látex e uma chave Philips.

– O que você vai fazer? – o rapaz me perguntou. Ele havia tomado coragem e agora estava encostado na porta do quarto. Mas ainda do lado de fora.

– Trocar a placa-mãe⁵ – respondi sem olhar para ele. Nem para o computador.

– É tão grave assim?

– É.

– Mas você não chegou a passar nenhum antivírus – ele disse, desconfiado.

Cheguei. Muitas vezes. Em outras máquinas.

Nunca deu certo em nenhuma: fosse o que fosse, esse comportamento anômalo das máquinas não parecia ser resultado de nenhuma infecção por vírus. Eu já havia utilizado dezenas de antivírus.

Mas verdade seja dita: como reza uma das mais importantes leis não-escritas da informática – porque quase todas as leis realmente importantes da informática são empíricas, ou seja, fruto da experiência, não estão registradas em nenhum livro, manual ou guia básico para *dummies* –, cada máquina é uma máquina. O problema que afeta uma de um jeito pode afetar outra de maneira inteiramente diversa. Nada é garantido no mundo da informática.

Mas, depois de dois meses efetuando a mesmíssima operação em centenas de computadores e obtendo sempre o mesmíssimo resultado, bom, alguma conclusão eu tinha que tirar disso.

Expliquei uma versão resumida desse meu raciocínio para o rapaz, que pareceu não se convencer muito, mas pelo menos ficou quieto. Retirei a placa-mãe e troquei-a por outra. Se não desse certo, eu teria de trocar o disco rígido. O que seria perda total para o rapaz, porque ele não poderia salvar nada do disco anterior. Eu também já tinha experimentado isso em muitas máquinas.

⁵ Placa de circuito impresso. Nos séculos XX e XXI, era o elemento mais importante de um computador, pois tinha como função permitir que o processador se comunicasse com todos os periféricos instalados, fazendo em última instância com que o computador funcionasse.

Tornei a ligar o computador. A tela se iluminou aos poucos, o nome do fabricante apareceu, a RAM BIOS⁶ rodou. 512 Megabytes, máquina bem fraquinha, mesmo para quem não é *power user*, bem que merecia um upgrade. Em seguida, se tudo estivesse normalizado, o logotipo do Windows XP apareceria. (Pelo menos não era Windows Vista, o que já dizia alguma coisa quanto à sensatez do usuário.)

Não apareceu. Em seu lugar, nas minúsculas letras brancas do DOS, os seguintes dizeres:

> NÃO ADIANTA, BABACA. O EFEITO É GESTÁLTICO.

> |

Eu já havia lido dezenas de mensagens diferentes, mas aquela era nova. O resultado era óbvio, e lamentável: o rapaz ia ficar sem seus dados.

Expliquei tudo a ele – que por incrível que pareça era um usuário prevenido e salvava seus dados em CD toda noite, antes de desligar a máquina (esse cara é maluco, pensei com meus botões, quem é que salva tudo todos os dias em CD?) –, desliguei tudo e desconectei a CPU. Levei a unidade comigo.

Na porta do elevador, depois de uma breve hesitação, não resisti:

– Você faz o quê?

– Sou terapeuta – respondeu o rapaz.

– De Gestalt?

Ele franziu a testa.

– Sim. Como é que você adivinhou?

Dei de ombros. Ele não ia acreditar na resposta.

Antes de ir para casa, passei na empresa e dei entrada na máquina.

– Essa também? – perguntou meu chefe, com cara de desânimo, sem olhar para o computador que coloquei sobre a bancada. Respondi que sim e vim para casa.

Muito calor. Quase não faz mais frio no Rio de Janeiro. O apartamento está um forno: mesmo morando no sétimo andar, preciso deixar as janelas fechadas para evitar a entrada de baratas e ratos. Não me pergun-

⁶ Basic Input/Output System, ou Sistema Básico de Entrada/Saída. ROM é abreviação de Read Only Memory, ou Memória Apenas de Leitura (utilizadas nos tempos antigos, quando os computadores ainda eram entidades externas ao corpo humano).

tem como ratazanas (ratazanas mesmo; bichos do tamanho do meu braço, e meu braço não é magro) sobem paredes; só sei que acontece. Só quem já viu uma criatura escrota dessas te encarando do outro lado de uma vidraça (sim, elas também escalam vidro) sabe o medo fodido que dá.

Podia ser pior. Eu podia entrar na cozinha e ver as panelas todas na pia, há dias sem lavar, algumas com uma cobertura especial de bolor de diversas cores. Podia inclusive não ser verdade, mas é o problema de não ter diarista, nem grana para pagar uma faxineira de vez em quando. Respirei fundo, fervei água num pirex (porque as panelas todas estavam com os referidos bolores na referida pia) e lavei a panelada.

Depois fui correndo para o banheiro tomar um banho gelado e tirar toda a mistura repelente de inhaca⁷ e gordura do corpo. Depois, coloquei uma calça de pijama, abri a janela (cinco centímetros bem medidos – não, eu não confio nas baratas) e liguei o computador.

E aqui estou, às dez e quarenta e três da noite de terça-feira, 6 de abril de 2010, inaugurando um blog⁸.

Não é o meu primeiro blog. Já tive outros, mas isso foi há muito tempo. Eu estava precisando voltar a postar alguma coisa novamente. Acho que a cena que descrevi no começo deste post explica o porquê – pelo menos em parte.

Mas preciso acordar cedo amanhã; só de manhã cedo já tenho três urgências N3 para resolver antes de ir para a universidade. O blog está criado e eu me apresento: meu nome é Artur. Este blog não tem sistema de comentários por enquanto. Se alguém estiver me lendo e quiser trocar uma idéia, é só me mandar um e-mail.

07 de abril

Problemas com o *counter*.

Esse negócio de estatística é um pé no saco; acho que acabei criando um *counter* no automático. Já tive um blog antes, no comecinho da febre, nos primeiros meses de 2001, só como experiência. Criei um *counter* para mim na época, e toda hora ia checar a frequência de visitantes. Nunca passei de sete por dia.

⁷ Segundo a BioWeb, Inhaca é o nome de uma ilha na costa leste do antigo continente da África, ao sul de um país chamado Moçambique. Impossível entender como ele conseguiu tirar essa ilha do corpo. Não há registro de que a tecnologia do século XXI dominasse a miniaturização.

⁸ Blog é diminutivo da palavra weblog, que significa, literalmente, diário ou registro de Web. Surgiu no final do século XX e foi muito comum mesmo depois do desaparecimento dos computadores pessoais e do advento da BioWeb.

Continuei insistindo durante algum tempo, enquanto tinha o que dizer. Fiz amizade com alguns blogueiros que estavam ficando conhecidos na época, foi bacana. Cheguei até a ir a uns eventos, festas de aniversário de blogs, vão vendo que coisa bizarra.

Mas não durou muito tempo. Com o passar dos anos, as intrigas e as fofocas se tornam tão concretas no mundo virtual quanto no mundo físico. Pessoas se decepcionam, blogs acabam, comunidades se desfazem. A comunidade blogueira dos primórdios, da qual cheguei a fazer parte, acabou sendo substituída por outras, como é normal. Isso se chama vida.

Quanto à minha vida, continuei fazendo tudo o que fazia antes. Dando aulas de Informática na universidade, trabalhando nas horas vagas numa empresa de manutenção de computadores e, principalmente, lendo muito (que é meu principal hobby; sou viciado em informação, leio de tudo um pouco, de livro técnico a bula de remédio, passando por arquivos de ajuda de programas e obras clássicas da literatura mundial). E assistindo séries de TV, que nem sempre informam mas divertem. Afinal, ninguém é de ferro.

Ah, e voltando a escrever em blogs. Como este que vocês, caros leitores, estão lendo agora.

Certamente alguém das antigas que estiver me lendo agora vai dizer: mas esse cara não sabe o que quer! Afinal, não tinha um blog e acabou com ele? Para que criar um novo?

Como eu já disse mais acima, sou viciado em informação. (E em Coca-Cola Zero também, mas não espalhem.) Há um velho ditado português que diz: *saber não ocupa espaço*. Concordo e assino embaixo.

Criei um novo blog porque... por quê, afinal?

O primeiro não durou tanto assim. O principal motivo para matá-lo foi a queda das Torres Gêmeas. Depois do 11 de setembro, a Web se encheu da noite para o dia – literalmente – de jornalistas e blogueiros de todos os tipos e níveis de talento falando de tudo sobre o ataque às torres. Não havia espaço para mais um, ia ficar muito chato. Ainda levei o blog, meio sem disposição, até o começo de 2002, mas num belo dia, quando vi que ele só tinha tido duas visitas – e uma delas era minha – desisti e pendurei a conta. Algum tempo depois, bateu uma certa nostalgia e cheguei a pensar em ressuscitar o bicho. Mas pra dizer o quê?

Agora a história é outra. Essa crise que já está rolando há quase um mês está me deixando cansado. Preciso desabafar, conversar com alguém para saber o que está acontecendo, se é só por aqui ou se mais alguém tem tido os mesmos problemas.

Criei este novo blog porque agora eu tenho o que dizer mais uma vez.